



## O amor nosso de cada dia

Heloisa Caldas<sup>1</sup>  
[helocaldas@terra.com.br](mailto:helocaldas@terra.com.br)

**Resumo:** O amor como um semblante propicia um tratamento possível do real, justamente no que ele tem de cômico, e pode abrir saídas e soluções para a tragédia da castração. O amor é um semblante: mais cômico quanto mais autêntico ao encapar a crueza da pulsão; mais verdadeiro quanto mais próximo ao real estiver. Afinal, trata-se apenas disso: do circuito da pulsão ao redor do objeto a - isca para o gozo que anima o corpo.

**Palavras chave:** amor; semblante; comédia; objeto a; traumatismo.

**Abstract:** Love as a *semblance* offers a possibility to address the real in its comic feature. It provides bypasses or solutions for the tragedy of castration. Love is a *semblance*: more comic as more authentic it is in concealing crude drives; more truthful as it approaches the real. It is eventually just a circuit where drives surround the object a - an allurement for the body jouissance.

**Key words:** love; semblance; comedy; object a; trauma.

Minha contribuição para este número de *Opção Lacaniana OnLine* visa pensar o amor como um semblante que propicia um tratamento possível do real, justamente, no que ele tem de cômico e pode abrir saídas e soluções para a tragédia da castração.

Lacan relaciona amor e comédia de forma muito explícita, em *O seminário livro 5: As formações do inconsciente* [1957-1958], ao dizer "quando o amor é mais autenticamente amor, que se declara e se manifesta, o amor é cômico"<sup>2</sup>.

A princípio, Lacan destaca o amor no registro imaginário. O amor é engano de narcisismo. Nesse caso ele parece estar mais do lado da máscara que encobre algo. Ao final de seu

ensino, porém, Lacan dá outra dimensão ao amor, aproximando-o do real. Não como máscara, mas semblante, tecido de material simbólico e imaginário que se distingue do real, como destaca Jacques-Alain Miller<sup>3</sup>. O semblante não encobre nada, ele traça a linha até onde se pode ir com o jogo significante em direção ao real e seu gozo.

O amor, em vez de mera ilusão quanto à pulsão e ao gozo, ao contrário, lhes abre o acesso. Por isso dizemos que o amor se dirige ao real. Em vez de trapaça, é uma via que permite, justamente por passar pelo semblante, dar ao gozo um destino cultural, sustentar com ele uma parceria que permita o real do sexo.

Assim, o que faz rir na comédia dos sexos é o balé dos amantes que, fora da cena amorosa, parece falso. Mas, dentro da cena, e enquanto o amor dura, é o que pode haver de mais verdadeiro. O amor é um semblante: mais cômico quanto mais autêntico ao encapar a crueza da pulsão; mais verdadeiro quanto mais próximo ao real estiver. Afinal, trata-se apenas disso: do circuito da pulsão ao redor do objeto a - isca para o gozo que anima o corpo.

Como seria o gozo sem a comédia do amor? Certamente não seria favorável ao laço social. Quanto a isso, vale lembrar o que Lacan ensinou: o amor faz o gozo condescender ao desejo. Logo, entre as histórias que nos cabe viver, bem-aventuradas as que encenam os paradoxos do gozo rimando amor e dor; que surpreendem pelos impasses do desejo de bem-me-quer ou mal-me-quer. E, em especial, as que nos confrontam com a promessa de felicidade. Ainda que muito cômicas, elas nos permitem viver e inventar histórias e, às vezes, com sorte, fazer felicidade.

Que histórias os sujeitos precisam inventar para viver a parceria amorosa atualmente? Como os significantes da época se prestam a escrever sintomaticamente o gozo dos amantes? Como se acolhe hoje o que antes já foi proscrito? Que novidades

podem prescrever as parcerias de nossa época? Como situar na clínica o tragicômico contemporâneo da sexuação?

Na Antigüidade, as tragédias e as comédias eram relacionadas ao falo e diferiam na forma como tratavam o real. Nas tragédias a realidade era idealizada e muito afastada do comum. As personagens enfrentavam forças avassaladoras do destino. Conseqüentemente, suas respostas para superar ou atravessar essas ameaças eram, no mínimo, heróicas. As tragédias escrevem o falo como exceção.

As comédias, ao contrário, abordam o real no cotidiano. São mais prosaicas, imputando ao falo um gozo possível e vivificante, pois extraem dele o valor absoluto e ilimitado. Elas escrevem o falo como a castração que vigora para todos, na forma conhecida e vivida pela maioria dos humanos - o amor nosso e risível de cada dia.

A tragédia visa superar a castração, a comédia o trabalho cotidiano que suporta a castração - trabalho do inconsciente, do sintoma, discurso e semblante.

"De um discurso que não seria de semblante", é uma frase de Lacan que parece expressar que, ainda que o discurso só possa ser apreendido pelo semblante, para a psicanálise interessa o quanto ele deriva do real da castração. Para o falasser, portanto, o discurso do semblante não está aberto a toda e qualquer deriva significante. Ele se vincula ao gozo do real e, nesse sentido, obedece às leis prescritas do gozo.

Lacan concebe essas leis como uma escrita e afirma: a escrita é o gozo<sup>4</sup>. Uma escrita cuja felicidade - *happiness* - é aprisionada - *happé* - pelo discurso que a fórmula fálica estabelece<sup>5</sup>. Penso que podemos dizer que essa escrita é a letra do sintoma, a partir da qual os discursos dos semblantes abrem e fecham, para cada sujeito, as portas da felicidade.

Freud e Lacan fizeram declarações diversas quanto à felicidade. Freud sustenta no texto "O mal-estar na cultura"<sup>6</sup>,

que a princípio intitularia "A infelicidade na cultura", que a felicidade não existe ou, se existe, é uma satisfação repentina. Lacan, ao contrário, nos declara, em "Televisão"<sup>7</sup>, que a felicidade está por toda parte e o sujeito é feliz.

Quando encontramos em Lacan uma afirmação contrária a de Freud, sabemos que se trata menos de contradizer Freud do que tirar conseqüências com sua leitura. Qual será então o avanço que Lacan propõe às conjecturas de Freud em relação à felicidade? Penso que poderíamos situá-lo na concepção do sintoma em sua relação com o real. Pois ambos consideram o sintoma como uma saída para o mal-estar produzido pelo objeto. Contudo, a maneira como essa saída se estrutura difere para um e outro.

Para Freud a saída pelo sintoma deixa margem a pensar que o mal-estar precede o sujeito. Ele chega a comentar que a intenção de que o homem seja feliz não se acha incluída no plano da Criação. Conseqüentemente é impossível que a felicidade perdure. Ela se limita ao tempo rápido em que um contraste se estabelece produzindo prazer intenso. Vemos que Freud, a sua maneira, conecta a felicidade ao corte significante, o que, infelizmente, dura pouco. Ele não atribui, porém, a origem da infelicidade também ao significante.

Para Freud, as origens do mal-estar são atribuídas ao corpo que envelhece e decaí, às desgraças do mundo que nos assolam e aos relacionamentos com os outros. Sublinha que este último é o mais penoso e inevitável ainda que pareça gratuito. O que indica ser mais difícil reagir à infelicidade do dia-a-dia do que àquela que nos trazem os vendavais.

Conseqüentemente, nos ensina Freud, diante da presença tão forte e cotidiana da infelicidade, não é para surpreender que as pessoas se dediquem mais a evitar o sofrimento do que a

esperar a boa hora. Ou seja, em relação ao sofrimento nos especializamos; quanto à felicidade somos sempre amadores.

Entre as maneiras pelas quais nos 'especializamos' para evitar o mal-estar, Freud cita derivativos poderosos e satisfações substitutivas. Os primeiros apontam ao sintoma, ilustrado pela recomendação de Voltaire para que cada um cuide do seu jardim; o segundo a sublimação pela satisfação substitutiva que a arte pode suprir<sup>8</sup>.

Sabemos que nas concepções freudianas, tanto o recalque como a sublimação são secundários a algo anterior. Isso decorre, em parte, da forma como Freud trata a linguagem enfatizando sua impotência ao nomear o encontro original com a Coisa. Esse tratamento dá margem a pensar que o coração do traumático é extralingüístico. Nisso o sujeito freudiano<sup>9</sup> não poderia deixar de ser infeliz. Para ele predomina o real anterior ao simbólico.

A perspectiva lacaniana difere, quanto a isso, porque considera como causa do recalque a própria linguagem, instaurando como mítico qualquer dado suposto na origem. Não há sujeito pré-lingüístico, assim como não há trauma extralingüístico. O sujeito lacaniano está no corte significante que configura uma borda simbólica e imaginária de fronteira com o real. O que não quer dizer que o trauma não proceda, justamente, do ponto em que a linguagem é uma *furada*, gíria cujo sentido se aproxima, em parte, do neologismo lacaniano *troumatismo*.

Com Lacan, então, podemos ler as origens da infelicidade que Freud listou, como resultantes do furo: o real traçado por um significante fundador, que funda e se repete em série; e o real traçado pelo imprevisto - a chance de quebrar a série. O primeiro diz respeito ao sintoma que enlaça real, simbólico e imaginário no encontro original com o sexo. Embora consagrado pela rotina, nem por isso dá conta do mal-estar. No segundo,

um acontecimento novo desarranja o enlace sintomático e força uma mudança na tradição do sintoma e seu respectivo mal-estar.

Assim, desde sua manifestação a partir de lalíngua, o sintoma, seja como semblante a sustentar no laço social, seja como letra que formula a modalidade de gozo, não deriva de nada anterior. Por estrutura, ele se define como a deriva em si que constitui a borda do real. O que por rigor implica que o sintoma seja, na concepção lacaniana, o mal-estar na cultura, e não a saída para ele como queria Freud.

Então, como situar a diferença entre a posição de Freud, que destaca a força constante da infelicidade na cultura, que deixa para a felicidade amorosa chances escassas e contingentes de encontro, e a posição de Lacan que situa por toda parte a oportunidade do sujeito encontrar a felicidade?

Se pensarmos, com Lacan, que todo encontro é lido segundo a lógica instaurada pelo encontro primordial com lalíngua, encontrar a felicidade dependerá da posição subjetiva diante da maldição do sexo. Temos nisso uma chave para pensar o que um sujeito pode ou não fazer com a repetição e o retorno do real: ele pode encontrar o mesmo para fazer igual ou diferente; viver o mesmo de novo ou viver o novo uma vez mais; subjetivar o imprevisto com as mesmas leis ou inventar variações novas para elas.

Assim, no instante de ver do encontro, o sujeito é, em tese, sempre feliz. Trata-se de um ponto zero que se abre a alternativas. É um instante de promessa. No tempo de compreender, que atenua a vibração da felicidade, o sujeito desdobra sua resposta sintomática desse encontro por meio do trabalho incansável do inconsciente. Como Freud comenta, trata-se do sintoma como trabalho de laço social e, afinal, é disso que se trata no cultivo dos jardins e dos semblantes.

Mas, quanto ao momento de concluir, nem sempre o sujeito é feliz. Vai depender das conseqüências que extrai do encontro

com a inexistência da relação sexual e de como lida com a promessa que não se cumpre. Ou seja, de como faz amor e felicidade a partir de um discurso que não seja semblante alheio ao real.

Proponho tomar um exemplo bem simples. Digo simples porque reduz a amplitude das questões do sexo e do amor à satisfação do ato propriamente dito, aproximando, no que parece ser possível, a felicidade do instante e da cifra. Uma paródia que pretende ilustrar o que Lacan comenta em "Televisão". Partimos da pergunta comum dos amantes após o sexo.

"Foi bom?"

1) "Não foi nada de bom! Que se dane!"

2) "Era para ser sublime, mas querem que eu me dane"!

3) "Foi danado de bom!"

Vemos que o sujeito poderia responder de três formas a partir do que se pode ouvir na palavra *dano*. Elas seriam versões das alternativas subjetivas que Lacan distingue na repetição do feliz acaso - *bon heur* - de lalíngua<sup>10</sup>.

Na primeira temos a tristeza covarde de se deixar abater pelo furo do encontro. Na segunda a excitação maníaca, com sua contra face melancólica, quando essa experiência se dá na precariedade do semblante na psicose. E na terceira o gaio saber quando, diante do encontro, não se espera mais do que um contorno para o sentido da vida, vivido, se possível, com a alegria da surpresa.

Quanto a isso, Lacan e Freud se encontram: trata-se da arte de viver. Ao que podemos acrescentar: com o amor nosso de cada dia.

---

<sup>1</sup> Heloisa Caldas é Analista Praticante - AP. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Este trabalho foi apresentado no *Colóquio sobre o semblante: A comédia dos sexos no século XXI* da EBP-Rio, na Mesa de abertura, Rio de Janeiro, 05 de julho

de 2008 e publicado em *Latusa, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro*, nº13. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2008.

<sup>2</sup> Lacan, J. (1999[1957-1958]). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 144.

<sup>3</sup> Miller, J.-A. (2001[1991-1992]). *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós.

<sup>4</sup> Lacan, J. (2007[1971]). *Le séminaire, livre XVIII: d'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil, p. 129.

<sup>5</sup> Idem. (2003[1973]). "O aturdido". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 460.

<sup>6</sup> Freud, S. (1987[1929]). "O mal-estar na civilização". In Edição Standard Brasileira das *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.

<sup>7</sup> Lacan, J. (2003[1974]). "Televisão". In *Outros escritos. Op. cit.*, p. 525.

<sup>8</sup> Freud, S. (1987[1929]). *Op. cit.*, p. 93.

<sup>9</sup> A rigor não se pode falar de sujeito na teoria de Freud. Mas, embora Freud não dispusesse de uma teoria do sujeito, em especial, na sua relação com o Outro, verificamos que o advento do sujeito está problematizado na longa discussão sobre o Eu, sua unidade destacada do exterior, suas fronteiras cambiáveis em relação ao objeto no amor, na hostilidade etc.

<sup>10</sup> Lacan, J. (2003[1974]). "Televisão". *Op. cit.*, p. 543.